



Conceptualizações de atleta paraolímpico no contexto brasileiro: um estudo diacrônico baseado em *frames*

Conceptualizations of Paralympic athlete in the Brazilian context: a frame-based diachronic study

Aline Nardes dos SANTOS*

Diego Spader de SOUZA**

Rove CHISHMAN***

RESUMO: O contexto deste trabalho é a construção do Dicionário Paralímpico, um recurso lexicográfico construído com base no aporte teórico-metodológico da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982, 1985). Considerando os desafios de se descrever semanticamente o atleta paraolímpico, alguns deles já desbravados anteriormente por Oliveira (2019), o objetivo geral deste estudo é verificar a presença de *frames* semânticos que caracterizam o atleta paraolímpico em uma perspectiva diacrônica, partindo de um *corpus* de notícias que abrangem as décadas de 1960 a 2000, no contexto brasileiro. Trata-se de um *corpus* de amostragem composto por sentenças-exemplo que evocam *frames* relacionados ao atleta paraolímpico nesses diferentes períodos. Como resultados, constata-se, primeiramente, uma visão capacitista desses sujeitos ao longo da história, reduzindo-se seus atributos à tipologia de sua deficiência; e, em um segundo momento, uma emergência, frequentemente condicionada à obtenção de bons resultados em competições, de conceptualizações mais voltadas ao desempenho desportivo e ao papel social do atleta paraolímpico, principalmente a partir dos anos 1980. Verificam-se, assim, conceptualizações dinâmicas que refletem os embates sociocognitivos característicos da realidade do atleta paraolímpico no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica de Frames. Conceptualizações. Atleta paraolímpico. *Corpus* diacrônico.

ABSTRACT: The context of this work is the construction of Dicionário Paralímpico, a lexicographic resource built based on the theoretical and methodological framework of Frame Semantics (FILLMORE, 1982, 1985). Considering the challenges of describing semantically the Paralympic athlete, some of which have already been explored by Oliveira (2019), the overall objective of this study is to verify the presence of semantic frames that characterize the Paralympic athlete from a diachronic perspective, starting from a corpus of news spanning the decades from 1960 to 2000, in the Brazilian context. It is a sampling corpus composed of example sentences that evoke frames related to the Paralympic athlete in these different

* Doutora em Linguística Aplicada, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). alinenardes@furg.br

** Doutor em Linguística Aplicada (UNISINOS). dspadersouza@gmail.com

*** Doutora em Linguística, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista Produtividade do CNPq. rove.chishman@gmail.com

periods. As result, an ableist view of these individuals throughout history is noted at first, reducing their attributes to the typology of their disability; and, secondly, an emergence, often conditioned by achieving good results in competitions, of conceptualizations more focused on sports performance and the social role of the Paralympic athlete, mainly from the 1980s onwards. Thus, dynamic conceptualizations are observed, which reflect the sociocognitive struggles characteristic of the reality of the Paralympic athlete in Brazil.

KEYWORDS: Frame Semantics. Conceptualizations. Paralympic athlete. Diachronic corpus.

Artigo recebido em: 31.07.2023

Artigo aprovado em: 28.12.2023

1 Introdução

Este trabalho está inserido no contexto de desenvolvimento do **Dicionário Paralímpico**¹, projeto que dá seguimento ao **Dicionário Olímpico** (Chishman, 2016), o qual, por sua vez, teve seu início partindo dos resultados obtidos pelos estudos empreendidos no âmbito do **Field: Dicionário de Expressões do Futebol** (Chishman, 2014).

Ainda que cada um desses recursos apresente suas particularidades, os três podem ser descritos como ferramentas on-line que tratam do léxico dos esportes e compartilham o mesmo princípio teórico, que é a teoria da Semântica de *Frames* (Fillmore, 1982, 1985). Esses três projetos, dada a sua amplitude e complexidade, vêm acolhendo ao longo dos últimos 12 anos dezenas de pesquisas em nível de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

No que diz respeito ao Dicionário Paralímpico (doravante DP), foco deste estudo, ainda que inicialmente nossas expectativas eram de se tratar de um projeto bastante similar ao Dicionário Olímpico, como se nossa atenção recaísse na definição de novas modalidades e ajustes de regras a partir das categorias funcionais, uma análise mais detida, contudo, já indicava aspectos não contemplados nos estudos

¹ Neste trabalho, empregamos as formas *paralímpico* e *paraolímpico*. Justificamos o uso da forma *paralímpico* no próprio nome do dicionário para acompanhar a forma empregada em nomes institucionais, como é o caso do Comitê Paralímpico Brasileiro. Nos demais usos, por razões de ordem linguística, utilizamos *paraolímpico*.

anteriores. Investigar o contexto paraolímpico definitivamente nos levava a contemplar a realidade do atleta com deficiência e outras questões relacionadas, como é o caso da linguagem inclusiva e a acessibilidade digital.

A dissertação de mestrado de Oliveira (2019) é pioneira ao investigar a imbricada rede de conceptualizações em torno do atleta com deficiência. Dentre seus objetivos, está a problematização, a partir do viés da Semântica de *Frames*, do modo como se constitui a imagem do atleta paraolímpico, levando, conseqüentemente, à compreensão do processo de valorização/desvalorização da pessoa com deficiência em um sentido mais amplo.

Uma de suas mais contundentes conclusões, conforme será exposto na sequência deste trabalho, está em mostrar que há uma concepção particular de atleta que se aproxima da concepção de atleta olímpico. A análise empreendida pela autora evidenciou uma recorrência considerável de palavras e expressões cujo uso é desencorajado pelo movimento de pessoas com deficiência, constatação importante para a definição da própria metodologia do DP. A constituição do *frame* atleta_paraolímpico² e a compreensão de como outros *frames* externos ao contexto esportivo interferem nas conceptualizações revelam esta verdadeira mesclagem em termos de conceptualização.

Neste trabalho em particular, partindo dos resultados obtidos por Oliveira (2019) acerca das conceptualizações e unidades lexicais, propomo-nos a verificar a presença de tais *frames* em publicações de múltiplos períodos de tempo, correspondendo às edições anteriores dos Jogos Paralímpicos. Enquanto o olhar de Oliveira (2019) é sincrônico, focando em publicações do ano de 2016, nosso viés aqui é diacrônico, voltando-nos para materiais publicados a partir de 1960, ano dos primeiros jogos paraolímpicos. Em outras palavras, nosso propósito é verificar como a imagem do atleta paraolímpico se desenvolveu ao longo desse período.

² Respeitando a forma como textos clássicos da Semântica de Frames se apresentam, os nomes de frames estarão escritos na fonte Courier New.

Para alcançar tal objetivo, dividimos o trabalho em seis seções. A seção 1 é dedicada à Introdução. Na seção 2, trazemos uma macrocontextualização do atleta com deficiência no que se refere às Paralimpíadas e às participações brasileiras na competição. Em seguida, na seção 3, abordamos a relevância da noção de *frame* na identificação de conceptualizações, cerne de nosso percurso teórico-metodológico; e dedicamos uma subseção a esse conceito no contexto de estudos diacrônicos. As seções 4 e 5 trazem, respectivamente, a metodologia e análise dos dados. Por fim, na seção 6, elencamos algumas considerações acerca dos resultados encontrados neste estudo, bem como sobre possíveis desdobramentos investigativos que possam ser explorados futuramente.

2 Macrocontextualização: o cenário do atleta com deficiência

Conforme já destacamos na introdução, a compreensão do contexto do esporte paraolímpico extrapola o contexto esportivo, haja vista o fato de estarmos lidando também com a realidade de pessoas com deficiência. Oliveira (2019) traz uma retrospectiva histórica dos Jogos Paralímpicos, chamando a atenção para o seu surgimento, assim como para a participação dos atletas brasileiros. A autora também dá destaque em seu trabalho à própria realidade da pessoa com deficiência e ao estabelecimento de marcos legais e movimentos sociais ao longo das últimas décadas, criados com o intuito de buscar o seu reconhecimento como pessoas e cidadãs.

A prática esportiva envolvendo pessoas com deficiência sempre esteve associada à medicina esportiva e à fisioterapia, consideradas como recursos importantes na recuperação de cirurgias internas ou ortopédicas em soldados feridos durante os combates na I Guerra Mundial (1914-1918) (Senatore, 2006). Foi, contudo, só após a segunda grande guerra (1939-1945), como fruto do trabalho de reabilitação promovido pelo neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann, que procurava promover a união da prática esportiva ao tratamento de seus pacientes vítimas de guerra, que foram realizados, na Inglaterra, os Jogos Internacionais de *Stoke Mandeville* (1948), de

forma concomitante às Olimpíadas. Reconhecidos como os embriões dos Jogos Paralímpicos, os Jogos Internacionais já tinham em sua essência as funções de competição e de rendimento dos atletas, além da reabilitação e da socialização.

A partir de 1960, os Jogos de *Stoke Madeville* deram lugar ao que na época se denominou de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência, competição realizada em Roma nos mesmos locais dos Jogos Olímpicos. Desde então o evento é realizado de quatro em quatro anos, sendo que a estreia dos atletas brasileiros só ocorreu em 1972, nas Paraolimpíadas em Heidelberg (Alemanha).

Oliveira (2016, p. 29) ressalta que, com a participação dos atletas brasileiros em eventos internacionais, o esporte paraolímpico no Brasil entrou em uma fase de institucionalização. Entraram em vigor, a partir da década de 1970, decretos e leis, assim como o Conselho Nacional dos Desportos (CND), responsável pelo estabelecimento de normas para a criação de entidades dirigentes. É nesse contexto que surgem instituições específicas, como a Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (ANDE), a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR), a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) e a Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC). Foi, no entanto, com a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em 1995, que o segmento do esporte paraolímpico brasileiro ganhou impulso.

A partir dos anos de 1980, com o avanço das ações sociais e políticas em torno das pessoas com deficiência, o esporte paraolímpico, que inicialmente era associado às suas condições de reabilitação e reinserção social, passou a ser visto como um meio de as pessoas com deficiência expressarem sua cidadania e lutarem por objetivos mais esportivos. Segundo Brazuna (2001, p. 118), “talvez o resultado mais importante do esporte de alto rendimento (...) seja a construção da percepção da identidade de atleta ao invés da identidade de pessoa deficiente”. Lanna Jr. (2010, p. 14) acrescenta que, antes de 1970, as iniciativas voltadas para a pessoa com deficiência estavam em ações relacionadas, principalmente, à educação e a obras caritativas e assistencialistas.

Em detalhada revisão histórica, Oliveira (2019) aponta que os anos de 1980 se destacaram por fortalecer os movimentos sociais, culminando com a promulgação da Constituição de 1988, que passou a trazer garantias no campo dos Direitos Humanos. Referindo-se a um período mais recente e seguindo nessa mesma esteira de avanços legais, a autora faz referência à Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015).

Além de se poder conhecer, ainda que de forma sucinta, o histórico do esporte paraolímpico, assim como das conquistas e lutas dos movimentos sociais e políticos, esta revisão nos deu uma ideia das diversas visões da palavra deficiência que se criaram na sociedade.

Como será detalhado na próxima seção, já com foco no conceito de *frame* para compreender as conceptualizações, trazemos a visão dos estudos sociológicos (cf. Harris; Enfield, 2003; Coleridge, 2001) sobre diferentes categorias de acordo com as quais a pessoa com deficiência é percebida.

3 A noção de *frame* na investigação de conceptualizações

Conforme já indicado na Introdução deste estudo, o trabalho de Oliveira (2019) teve como propósito investigar as conceptualizações do atleta com deficiência no contexto paraolímpico com base no aporte teórico da Semântica de *Frames*. Para tal, considerou dois contextos específicos – o da pessoa com deficiência e o do atleta paraolímpico – para, com metodologia baseada em *corpus*, propor um mapeamento dos conceitos envolvidos, seguido de proposição de *frames* e estudo das unidades lexicais.

Antes de dar continuidade à apresentação detalhada dos dados de Oliveira (2019), que, como já dito na introdução, são a base para a discussão deste artigo, é importante abordar, ainda que de forma breve, a teoria da Semântica de *Frames*. Esse modelo teórico, desenvolvido por Charles Fillmore em artigos publicados pelo autor ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, está fundamentado no estudo das

continuidades entre a linguagem e a experiência humana (cf. Petruck, 1996). A Semântica de *Frames*, assim, é concebida como uma resposta às teorias formalistas, as “semânticas das condições de verdade”, como são chamadas por Fillmore (1982). Em direta oposição a esses modelos, Fillmore estabelece a Semântica de *Frames* como uma “semântica da compreensão”.

O conceito de *frame*, popularizado também em outras áreas do conhecimento, como a Inteligência Artificial (Minsky, 1975) e a Sociologia (Goffman, 1974), foi introduzido nos estudos linguísticos por Fillmore para caracterizar um sistema de conceitos interligados; quando um conceito é destacado, todos os demais também são (Fillmore, 1982). Na prática, isso significa que, ao usarmos uma palavra ou expressão linguística, evocamos o *frame* associado ao seu uso. Por exemplo, ao referirmo-nos a um garçom, estamos destacando todo o conhecimento de mundo atrelado à palavra: o que é um garçom, o que ele faz, em que contextos ele aparece. Ou seja, o item lexical “garçom” não é compreendido pelos falantes apenas a partir de traços intrínsecos a ele mesmo, mas sim através de tudo aquilo que, devido ao nosso conhecimento de mundo, está conectado à ideia de garçom.

O *frame*, portanto, atua como uma janela pela qual se torna possível visualizar pequenos pedaços de conceptualização. Fillmore, no artigo *Frame Semantics*, de 1982, demonstra isso a partir do exemplo do conceito de “café da manhã”. Como falantes parte da mesma sociedade, é justo dizer que compartilhamos ideias muito similares sobre o que é o café da manhã. Ainda que possamos ter, em nossas mentes, impressões mais particulares sobre o assunto – as quais podem ser resultados de nossas memórias e experiências mais pessoais e menos sociais –, a maior parte do nosso conhecimento sobre o café da manhã é social, é fruto da nossa experiência da vida em sociedade. Sendo assim, o que pensamos ao nos depararmos com uma pessoa que, ao ter acordado às duas da tarde, chama um prato de torradas com manteiga de café da manhã? O café da manhã é, de fato, a primeira refeição do dia – pelo menos assim entendemos –, mas causa estranhamento chamar um prato de torradas consumido às

três da tarde de café da manhã. Da mesma forma, um prato de feijoada consumido às sete da manhã como a primeira refeição após acordar causaria estranhamento caso fosse chamado, por quem o come, de café da manhã. Isso porque nosso conceito dessa refeição também estabelece um cardápio um tanto quanto limitado. A partir desse exemplo, entendemos que a lógica, a ideia que fundamenta a Semântica de *Frames* é de que itens linguísticos, de palavras a expressões como “café da manhã”, são pontos de acesso para estruturas cognitivas, para conceptualizações, que nos ajudam a entender o mundo a nossa volta.

É partindo dessa lógica que Oliveira (2019) utiliza *frames* semânticos para entender como são conceptualizadas as pessoas com deficiência. Para compreender esse contexto, a autora se valeu, em um primeiro momento, de estudos sociológicos (cf. Harris; Enfield, 2003; Coleridge, 2001), com a proposta de quatro modelos ou perspectivas, correspondendo cada um a uma visão distinta sobre deficiência: o modelo caritativo, o modelo médico, o modelo social e o modelo baseado em direitos. Os quatro modelos se diferenciam quanto à atitude da pessoa com deficiência. Nos dois primeiros, a pessoa é passiva, não tem o controle de sua vontade, de sua vida. Nos outros dois, é uma pessoa ativa que luta por seus interesses.

Um dos pressupostos da pesquisa de Oliveira (2019) reside na ideia de que o *frame* *Atleta_paraolímpico* pode incorporar traços desses modelos, porque se refere, em alguma medida, ao *frame* *Pessoa_com_deficiência*. Mas também pode se afastar dessas concepções, na medida em que leva em conta fatores contextuais, no caso, o contexto paraolímpico, que muda toda a visão que se tem da pessoa com deficiência. Esse *background* dos modelos ajuda a definir quais são as particularidades do *frame* *Atleta_paraolímpico* e em que medida o contexto paraolímpico está contribuindo para ressignificar a pessoa com deficiência na figura de atleta.

A análise foi realizada em duas etapas: a primeira valeu-se em um *corpus* de apoio (*corpus* não-processável) para servir de base para a proposição de uma rede de conceptualizações em torno do *frame* *Atleta_paraolímpico*, e a segunda, por sua

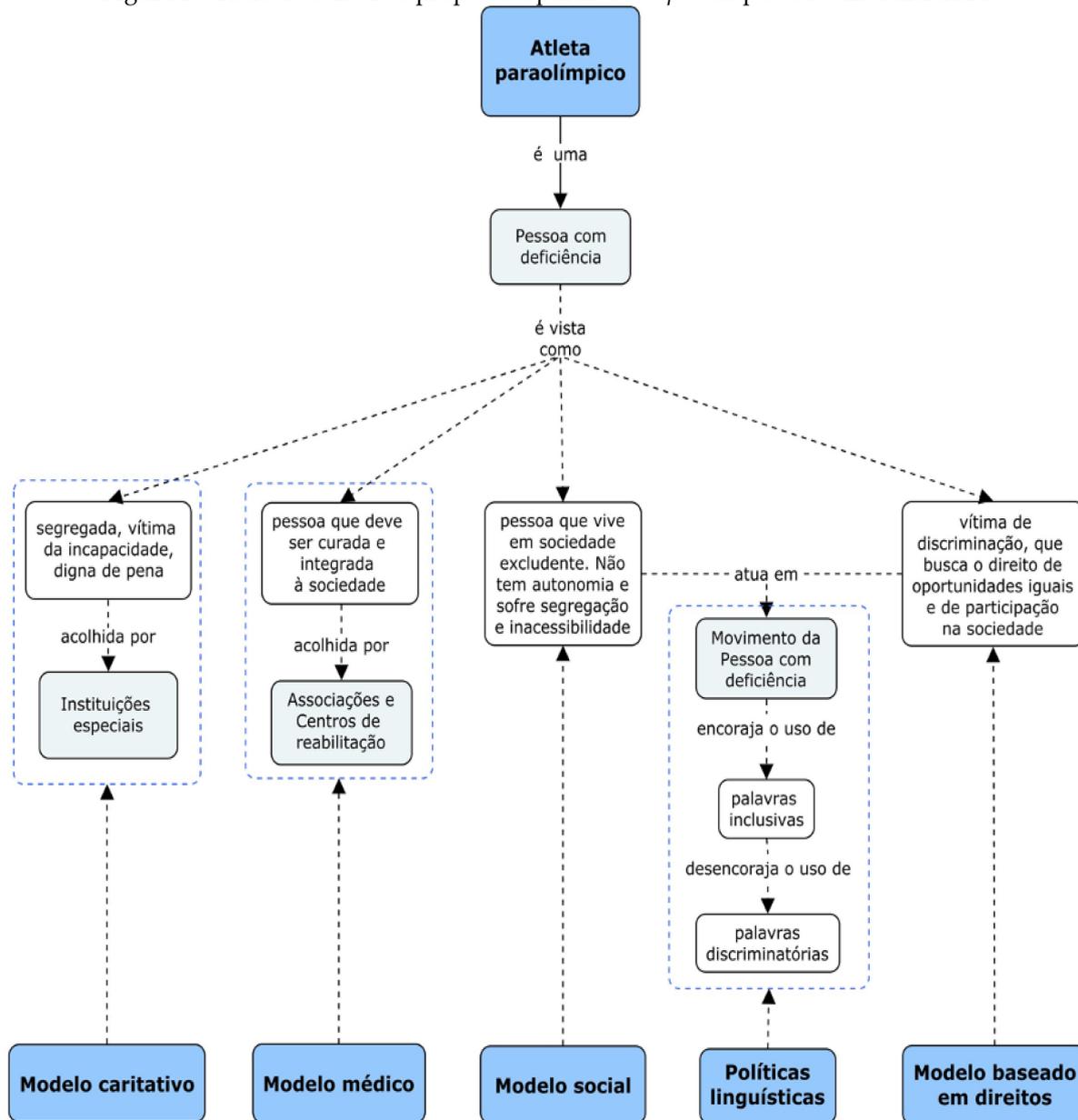
vez, através da constituição de um *corpus* de estudo (*corpus* processável) e do uso do ferramental do software Sketch Engine, para subsidiar a análise do léxico.

O *corpus* de apoio é formado por materiais de fontes diversas, como *sites* oficiais, documentos, vídeos, guias e artigos acadêmicos, e está subdividido em *subcorpus* paraolímpico e *subcorpus* pessoa com deficiência. Um dado interessante sobre esses materiais, como destaca Oliveira (2019, p. 71) no capítulo que apresenta os materiais e métodos, é que o acesso às informações sobre as lutas dessas pessoas se deu a partir da história do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil.

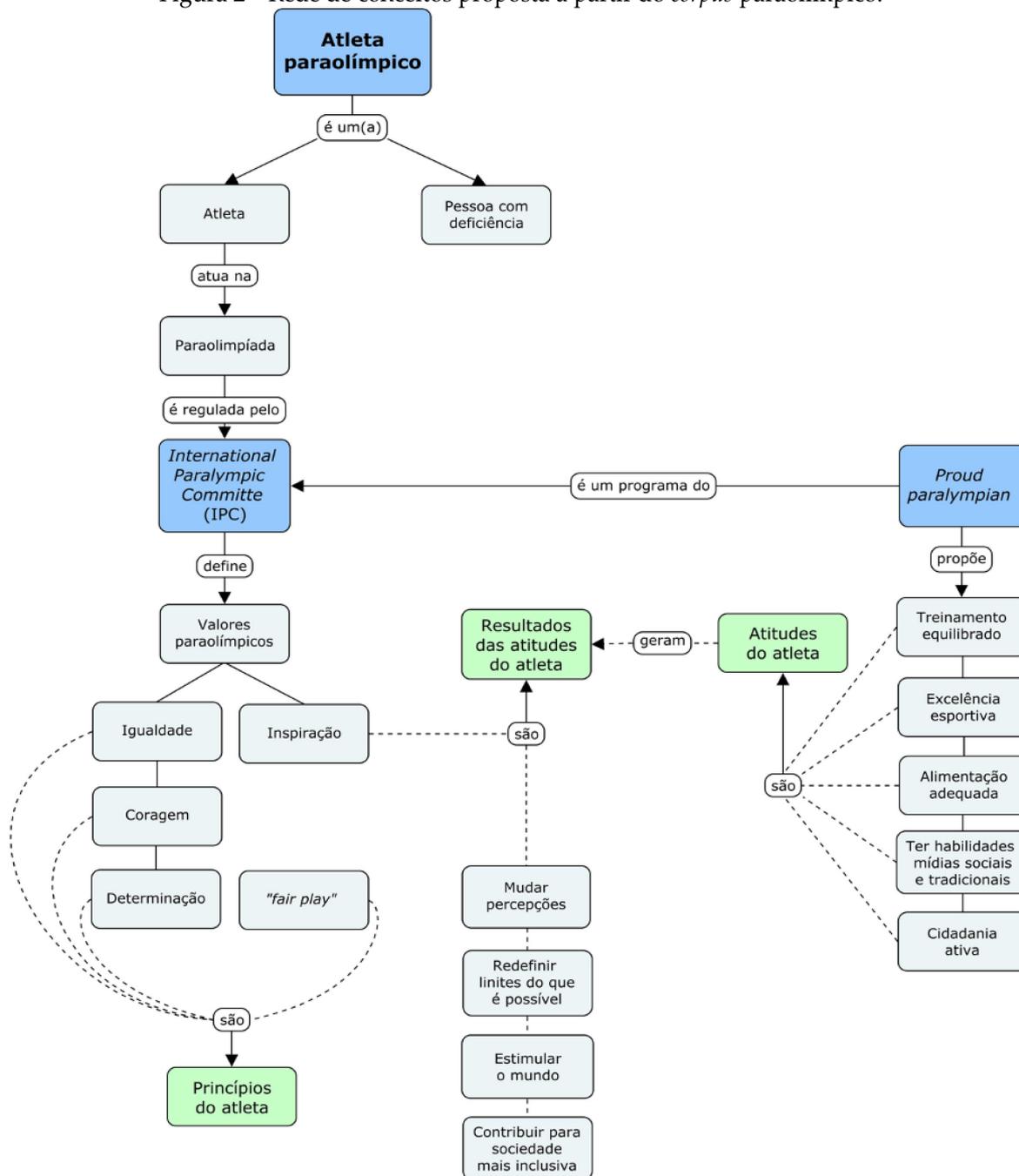
O *corpus* de estudo, por sua vez, contém textos/matérias sobre a Paraolimpíada publicados pela mídia brasileira no período dos Jogos Paralímpicos no Brasil em 2016. Ao todo, a autora coletou 149 notícias, totalizando 75.700 palavras. Uma constatação inicial da autora em relação a essas notícias é a presença de diferentes posicionamentos, diferentes vozes, tanto de atletas ou pessoas diretamente envolvidas com o esporte, como de pessoas com ou sem deficiência. Essa fase da investigação procurou verificar, através da extração de unidades lexicais e de sentenças-exemplo, a emergência de outros *frames*, assim das características das unidades evocadoras desses *frames*.

A partir dos dados desses dois conjuntos de materiais e de uma sequência analítica minuciosamente planejada, Oliveira (2019) traz um rico conjunto de resultados. Além da rede de conceitos para os dois contextos estudados, são propostos *frames* para os dois cenários. Considerando a análise pretendida em nosso estudo, cujo propósito principal é verificar como tais visões acerca do atleta paraolímpico se manifestam em diferentes registros ao longo do tempo, trazemos aqui dois mapas conceituais elaborados por Oliveira (2019) como resultado da análise dos dados do *corpus* de apoio.

Figura 1 – Rede de conceitos proposta a partir do *corpus* da pessoa com deficiência.



Fonte: elaborada por Oliveira (2019, p. 78).

Figura 2 – Rede de conceitos proposta a partir do *corpus* paraolímpico.

Fonte: elaborada por Oliveira (2019, p. 83).

A partir desses mapas, a autora chega à conclusão de que, no contexto paraolímpico, há um apagamento parcial das características referentes à pessoa com deficiência, sugerindo que, quando se definem as características do atleta paraolímpico, no contexto paraolímpico, não se dá destaque à deficiência, mas sim às capacidades do atleta, diferentemente do encontrado no *corpus* da pessoa com

deficiência, que enfatiza os problemas e dificuldades enfrentados. A figura a seguir, elaborada por meio da ferramenta *Frame Grapher*, da plataforma FrameNet, com as relações de herança, uso e perspectiva indicadas em vermelho, verde e rosa, ilustra tal resultado.

Figura 3 – *Frame Grapher* do frame atleta paraolímpico.



Fonte: elaborada por Oliveira (2019, p. 84).

De posse da lista de unidades lexicais³ e de sentenças-exemplo, ou seja, aquelas que evidenciam os cotextos desses evocadores de *frame*, Oliveira (2019) traz algumas considerações finais para sua pesquisa que serão retomadas posteriormente em nossa análise:

- 1) O atleta paraolímpico e as pessoas envolvidas no contexto paraolímpico desempenham um papel de porta-vozes do movimento de pessoas com deficiência, contribuindo para uma mudança de percepção com relação à pessoa com deficiência;
- 2) Expressões que já deveriam ser rejeitadas, como *portador de deficiência*, *portador de necessidades especiais* e *deficiente*, continuam em uso;

³ No contexto da Semântica de Frames, entende-se como unidade lexical o conjunto de uma palavra com seu significado (Fillmore; Johnson; Petruck, 2003). Assim, cada unidade lexical evoca um frame específico, o qual agrupam todas as suas palavras evocadoras.

- 3) Unidades lexicais como *coitadinho* e *aleijado*, responsáveis por evocar uma conceptualização na qual a pessoa com deficiência é vista como incapaz e digna de pena, sempre que apareciam, referiam-se a eventos do passado;

Um dado positivo, uma vez que respeita as orientações do movimento de pessoas com deficiência, se refere à ocorrência da unidade lexical *pessoa com deficiência* no *corpus* de estudo. Esse resultado indicou que políticas linguísticas⁴ têm surtido efeito e colaborado para a mudança da concepção de pessoa com deficiência.

3.1 *Frames e diacronia*

Nas últimas décadas, os estudos diacrônicos têm ocupado um importante lugar no campo da Linguística Cognitiva. Muito se tem investigado para compreender como os significados das palavras e expressões em uma língua evoluem ao longo do tempo. Seguindo a perspectiva cognitivista, as mudanças nos significados das palavras e expressões podem ser analisadas dentro de um contexto mais amplo de cognição humana e compreensão conceptual. Assume-se, sob tal ótica, que os processos cognitivos subjacentes, como metáfora, metonímia, construções conceptuais e *frames* semânticos influenciam a mudança semântica ao longo do tempo.

Langacker, um dos principais expoentes da Linguística Cognitiva, com seu modelo teórico conhecido como Gramática Cognitiva (Langacker, 1988; Langacker, 2000), destaca ser de senso comum, não apenas para a Linguística Cognitiva, mas para as abordagens baseadas no uso, como as funcionalistas, a proposta de que uma variedade de fatores sincrônicos e diacrônicos interagem ao dar origem a uma expressão linguística. É como se se assumisse uma perspectiva panocrônica sobre a linguagem, na concepção saussureana do termo, abrandando a própria noção de dicotomia. Nesse sentido, a rede de pares forma-significado que compõe uma língua é sempre o resultado de processos históricos, ao mesmo tempo em que se submete à

⁴ Nesse contexto, “As políticas linguísticas oferecem diretrizes para o uso de palavras adequadas para se referir à pessoa com deficiência” (Oliveira, 2019, p. 51).

constante reconfiguração através do uso. As questões de pesquisa diacrônica são de crucial importância para a compreensão da intrincada conexão entre linguagem, cultura e cognição.

Segundo Winters (2010), dentre os tópicos que exploram a relação entre Linguística Cognitiva e mudança semântica, os estudos sobre categorização linguística, inspirados na Teoria dos Protótipos, estão entre os mais proeminentes. De acordo com essa perspectiva, as palavras são definidas como categorias lexicais, contendo uma estrutura de protótipo composta de todos os seus sentidos. Uma mudança semântica ocorre quando um de seus significados periféricos torna-se o significado prototípico. Geeraerts (1997) procura demonstrar que, diacronicamente, a mudança semântica reflete os efeitos de prototipicidade referidos e toma determinadas formas implicadas por esses efeitos.

Hartmann (2021) corrobora este posicionamento e acrescenta outros dois tópicos que têm sido muito explorados nas pesquisas que aproximam diacronia e linguística cognitiva: as pesquisas acerca das classes fechadas, comumente vistas como “sem significado”, como é o caso das preposições, e as ligadas a metáforas e metonímias. Importa lembrar aqui a suposição de que a gramática está constantemente em fluxo e que a estrutura linguística é moldada pelo uso.

Metáforas, concebidos como estruturas conceptuais que moldam nossa compreensão do mundo, também são tópicos centrais para os estudos de natureza diacrônica. Ao longo do tempo, as metáforas subjacentes podem mudar, influenciando a forma como as palavras e expressões são usadas. A análise diacrônica permite rastrear como as metáforas são mapeadas, como novas metáforas podem surgir e como metáforas antigas podem perder relevância. Para Sweetser (1990), as mudanças semânticas históricas não ocorrem ao acaso, mas influenciadas por metáforas, vistas como condutoras das mudanças lexicais e fornecedoras da chave para entender a criação da polissemia e do fenômeno de trocas semânticas.

Os *frames* semânticos, assim como outros tópicos estudados sob o escopo da Linguística Cognitiva, também podem ser usados como ferramentas para rastrear a evolução de conceitos e situações ao longo da história de uma língua. Ao observar como os *frames* semânticos foram empregados em textos antigos e modernos, é possível traçar a maneira como os falantes da língua perceberam e comunicaram determinados eventos, ações e estados ao longo do tempo.

O estudo dos *frames* semânticos, em uma perspectiva diacrônica, também pode revelar padrões de conservação e inovação. Algumas partes dos *frames* semânticos podem permanecer relativamente estáveis ao longo do tempo, enquanto outras podem ser mais propensas a mudanças. Esses *insights* podem ajudar a explicar por que certas palavras ou estruturas linguísticas sobreviveram ou foram substituídas em resposta a fatores sociais, culturais e cognitivos.

4 Procedimentos metodológicos

Conforme mencionado na introdução, o objetivo geral deste estudo é identificar conceptualizações de atleta paraolímpico ao longo das décadas de 1960 a 2000, com vistas a verificar como a sua imagem foi (re)construída por meio de perspectivas distintas ao longo da história. Nesse sentido, o percurso metodológico adotado compreendeu a compilação de um *corpus* diacrônico de textos publicados em jornais brasileiros a partir de 1960, ano de edição dos primeiros Jogos Paralímpicos.

Vale salientar que, devido à escassez de materiais disponíveis acerca da temática, principalmente no que se refere a décadas mais longínquas (em especial, 1960 a 1980), o *corpus* construído apresenta reduzida extensão; no entanto, os dados encontrados são relevantes e pertinentes para demonstrar como a conceptualização de atleta paraolímpico passou por significativas mudanças ao longo das décadas abarcadas neste estudo - aspecto que corrobora a natureza dinâmica da construção de significados, os quais refletem as respectivas mudanças da realidade sociocultural (Coulson, 1992) em que são construídos.

No que se refere à busca de materiais para compilação do *corpus*, recorreremos a uma hemeroteca de abrangência nacional que disponibiliza textos jornalísticos na íntegra, nomeadamente a Hemeroteca Digital Brasileira, mantida pela Fundação Biblioteca Nacional. Além disso, recorreremos a *corpora* jornalísticos já compilados, compostos de notícias e reportagens, em uma busca a partir da qual agregamos excertos do Corpus CETENFolha⁵, disponível para consulta na Linguatca e na plataforma Sketch Engine, uma ferramenta de armazenamento e compilação de *corpora* amplamente usada em projetos lexicográficos. O quadro a seguir indica os periódicos que compõem o *corpus*, com as respectivas siglas escolhidas para cada nome, que acompanham cada sentença-exemplo coletada, juntamente com o ano de publicação do texto:

Quadro 2 – Lista dos periódicos que compõem o *corpus*.

Nome dos periódicos e siglas	Exemplos de sentenças compiladas
ALD - A Luta Democrática	[ALD_1965] Acaba de ser formado o Comitê Paraolímpico Brasileiro
DN - Diário de Notícias	"Esportes para deficientes físicos ".
JB - Jornal do Brasil	[JS_1988] Os atletas praticam os esportes de acordo com a deficiência que portam e dentro das modalidades são divididos por categorias conforme o tipo de lesão .
CB - Correio Braziliense	[JB_1989] O primeiro cego a completar a corrida foi Cleomir Martins, que correu com um guia.
JS - Jornal dos Sports	
CN - Correio de Notícias	
FSP - Folha de S. Paulo (Corpus CETENFolha)	
OF - O Fluminense	
AM - A Manchete	

Fonte: elaborado pelos autores.

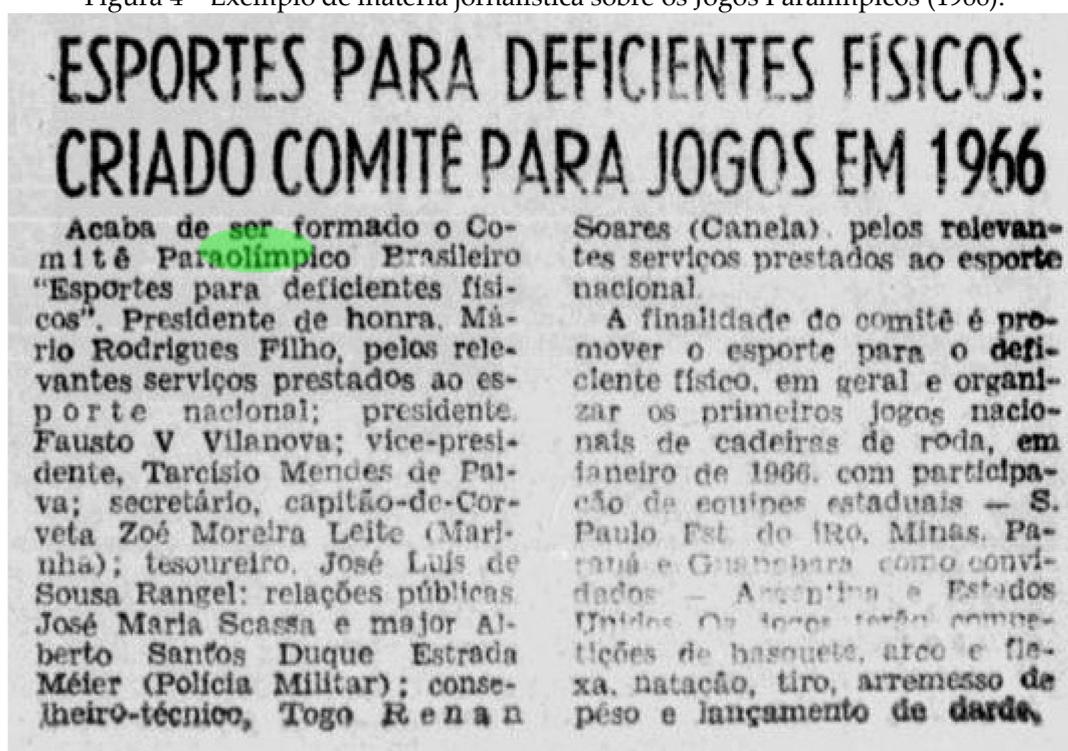
Com vistas a direcionar a busca nesses arquivos, utilizamos suas ferramentas de pesquisa para encontrar textos ou concordâncias a partir das palavras “paraolímpico” e “paraolimpíadas”, incluindo também suas variações mais

⁵ O Corpus CETENFolha é composto por textos do Jornal Folha de S. Paulo, totalizando aproximadamente 24 milhões de palavras. Foi compilado pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC).

contemporâneas (“paralímpico” e “paralimpíadas”), o que nos possibilitou encontrar matérias jornalísticas relativas aos jogos paraolímpicos. Como forma de ampliar essa busca inicial, quando necessário, também realizamos a busca por “atleta” e “deficiência”, já no contexto de materiais acerca das paraolimpíadas. Essa etapa foi realizada porque, como resultado da primeira busca, alguns dados encontrados não eram concernentes ao contexto especializado em tela.

A imagem a seguir traz um exemplo de notícia do Jornal A Luta Democrática (Rio de Janeiro, 1965), disponível na Hemeroteca Digital Brasileira:

Figura 4 – Exemplo de matéria jornalística sobre os Jogos Paralímpicos (1966).



Fonte: Esportes... (1965, p. 7).

A partir de tais etapas e recursos, foi possível chegar ao levantamento de um conjunto de 169 sentenças-exemplo, que foram organizadas conforme o respectivo período a que pertencem, as quais evocam, por meio de diferentes unidades lexicais, o *frame* *Atleta_Paralímpico*.

Quadro 3 – Distribuição geral do conjunto de 169 sentenças-exemplo, com a respectiva frequência.

Década	Número de sentenças-exemplo
1960	6
1970	6
1980	70
1990	51
2000	36

Fonte: elaborado pelos autores.

Ressaltamos que, diante das limitações tecnológicas atinentes à manipulação de textos digitalizados em tais repositórios, não foi possível transpor os textos das hemerotecas para uma versão editável, de modo que foi necessário transcrever manualmente cada sentença encontrada, constituindo-se assim um *corpus* de amostragem (Berber Sardinha, 2000; Fromm; Yamamoto, 2021) composto de excertos de textos de notícias e reportagens, especificamente sentenças-exemplo voltadas à evocação do *frame* investigado.

Após tal compilação, e considerando os resultados do trabalho de Oliveira (2019) acerca das conceptualizações de *Atleta_Paralímpico*, realizamos as seguintes etapas de análise:

- a) Identificação, nas sentenças exemplo, das unidades lexicais evocadoras do *frame* *Atleta_Paralímpico*;
- b) Categorização dos exemplos a partir dos *frames* de *Atleta_Paralímpico* identificados no estudo de Oliveira (2019), que se delineiam como modelos perspectivadores de diferentes aspectos do atleta com deficiência - *Modelo_médico*, *Modelo_social*, *Modelo_baseado_em_Direitos* e *Atleta_com_deficiência*;
- c) Se necessário, identificação de possíveis categorias não mapeadas na pesquisa de Oliveira (2019) a partir dos dados encontrados;

d) Cruzamento entre as evocações de *frame* encontradas e os períodos históricos a que se referem, situando-as diacronicamente e identificando-se mudanças conceptuais significativas ao longo do tempo.

A partir deste percurso metodológico, a seção a seguir apresenta a análise e a discussão dos dados.

5 Análise e discussão dos dados

O percurso analítico deste estudo, que se organiza a partir dos resultados encontrados na pesquisa de Oliveira (2019), revela duas grandes perspectivas já observadas pela autora quando de sua investigação em *corpora* mais recentes: a primeira relega o atleta paraolímpico a conceptualizações de cunho médico e capacitista, omitindo qualquer agentividade desses sujeitos diante dos aspectos desportivos e sociais que permeiam sua condição; a segunda, por sua vez, salienta a dimensão de sua performance como atletas de alto rendimento e como seres de direitos - características que vão se consolidando mais ao longo das décadas, conforme ocorrem as participações bem-sucedidas das equipes paraolímpicas e a consequente disseminação de notícias nos jornais investigados. Diante disso, organizamos a análise em duas subseções que detalham tais nuances conceptuais observadas.

5.1 O *frame* Modelo_médico como categorizador do atleta paraolímpico: uma visão capacitista midiaticizada ao longo da história

Retomando a macrocontextualização que apresentamos na seção 2, é relevante observar que os dados encontrados em nosso *corpus* refletem as questões históricas que permeiam o cenário do atleta paraolímpico brasileiro ao longo das décadas. Desse modo, destacamos que as primeiras Olimpíadas protagonizadas por pessoas com deficiência ocorreram em 1960, e a participação dos brasileiros ocorreu a partir da edição de 1972. Tais aspectos são importantes para compreendermos a escassez de dados atinentes a esses atletas nos anos 1960, os quais se voltam, por exemplo, aos

primórdios da organização do Comitê Paralímpico Brasileiro, conforme reprodução de manchete a seguir, proveniente do Diário de Notícias (1965):

Figura 5 - Manchete do Diário de Notícias (1966).

NOTICIÁRIO DO MÉIER & ADJACÊNCIAS

**COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO
DEU POSSE À PRIMEIRA DIRETORIA**

Numa reunião muito concorrida e cheia de debates, foi fundado dia 21 do corrente o Comitê Paraolímpico Brasileiro, tendo sido eleita também, na oportunidade a sua primeira diretoria. O Comitê que nasceu no Clube do Otimismo, sediado na rua Hermengarda — tratará exclusivamente dos assuntos relativos a deficientes físicos, principalmente a atuação destes no cenário esportivo brasileiro. A Diretoria da nável entidade tem a seguinte composição: Fausto Vasques Vilanova (presidente), Tarclisio Mendes de Paiva (vice-presidente), Zoé Moreira Leite (secretário), José Luis de Sousa Rangel (tesoureiro), jornalista José Maria Scassa e major Alberto Santos Duque Estrada Méier (relações públicas). Como conselheiro técnico, foi eleito o desportista Togo Renan Soares (Kanela) e como presidente de honra, foi escolhido o jornalista Mário Rodrigues Filho, diretor do Jornal dos Sports, tendo em vista o magnífico trabalho que vem empreendendo em prol do Clube do Otimismo. Noutra oportunidade, daremos maiores detalhes sobre o acontecimento, que de maneira a não deixar dúvidas, virá no futuro pugnar pelas causas de todos os paraplégicos do Brasil.

Fonte: Comitê... (1965).

No que concerne aos evocadores de *frame* encontrados nessa década, observamos a emergência do Modelo_médico, o qual “vê a deficiência como um problema orgânico que deve ser curado” (Oliveira, 2019, p. 122) e salienta o tipo de deficiência do atleta. Assim, tal conceptualização está diretamente relacionada ao

próprio *frame* Deficiência, conforme descrito pela autora. A seguir, destacamos excertos que evidenciam os usos de evocadores como *deficiente físico*, *portadores de defeito físico*, *paraplégicos sentados* e *defeituosos capazes de andar*, atinentes ao referido período:

1. [ALD_1965] Acaba de ser formado o Comitê Paraolímpico Brasileiro "Esportes para **deficientes físicos**".
2. [ALD_1965] A finalidade do Comitê é promover o esporte para o **deficiente físico**, em geral e organizar os primeiros jogos nacionais de cadeiras de roda, em janeiro de 1966.
3. [JB_1968] Foi em 1960, oito dias após os Jogos Olímpicos, que foi organizado em Roma o primeiro encontro olímpico dos desportistas **portadores de defeito físico**.
4. [JB_1968] Até agora, por motivos complexos, os Jogos Paraolímpicos se limitam aos **paraplégicos sentados**.
5. [JB_1968] Mas para os Jogos Olímpicos de Munique, 1972, espera-se a participação dos **defeituosos capazes de andar: cegos e amputados**.
6. [JB_1968] Os médicos que acompanharam a delegação francesa explicaram que o objetivo dos Jogos não se limita aos recordes ou às medalhas, mas sim desenvolver entre os **defeituosos** o gosto pelos "esportes de massa" que melhora seu estado geral e sua resistência.

Diante de tais achados, vale pontuar que a comunidade de ativistas ligada à defesa dos direitos das pessoas com deficiência orienta, desde os anos 2010 (LOPES, 2014), que sejam abandonados termos como *portador de deficiência* ou *deficiente*; no entanto, esses usos ainda são frequentes. Segundo Oliveira (2019, p. 19), "[...] o uso de *pessoa com deficiência* dá destaque, em primeiro lugar, à condição de pessoa, ao invés de enfatizar a deficiência ou definir a pessoa por sua deficiência, como nos termos *portador de deficiência* e *deficiente*." Nesse sentido, é de se notar a ocorrência não apenas da expressão *deficiente físico* no *corpus*, mas também da conceptualização da deficiência como *defeito*.

Nos anos 1970, dá-se a estreia dos paratletas brasileiros nas Olimpíadas de 1972 (em Heidelberg, na Alemanha). Nesse período, apenas atletas em cadeira de rodas

participavam. Embora o Brasil tenha sido representado em quatro modalidades, não houve medalhistas - nem menção à participação dos brasileiros nos jornais da Hemeroteca Digital Brasileira. Já nas Paralimpíadas de 1976, que ocorreram em Toronto, o Brasil conquistou suas duas primeiras medalhas (prata na modalidade bocha); no entanto, o evento não se tornou notícia no repositório consultado.

Apenas em 1974, constam matérias como a que reproduzimos a seguir, proveniente do Jornal do Brasil (1974), a qual destaca ações ligadas à Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), conforme manchete:

Figura 6 - Matéria do Jornal do Brasil (1972).

Paraplégicos festejam com gincana a inauguração do Clube dos Amigos da ABBR

Fonte: Paraplégicos... (1972).

Ao longo do referido ano, encontramos duas sentenças do mesmo jornal, as quais evidenciam a emergência do Modelo_médico do atleta paraolímpico - vide ocorrências dos termos *paraplégicos* e *deficientes (físicos)*:

7. [JB_1974] Na última paraolimpíada, em Stoke Mandeville, na Inglaterra, a Seleção Brasileira de Basquete, formada por **paraplégicos** do Clube do Otimista e do Clube dos Paraplégicos, sagrou-se vice-campeã do torneio, pela classe B, perdendo apenas na final para a Bélgica.
8. [JB_1974] Além do basquete, outras modalidades esportivas são adaptadas para **deficientes físicos** nesse torneio, como a natação, o arco e flecha, o tênis de mesa, o boliche e o atletismo masculino e feminino.
9. [JB_1974] Durante toda a tarde de ontem, cerca de 100 pessoas entre **paraplégicos** e familiares assistiram a uma gincana no pátio da ABBR, da qual participaram os 15 internos da instituição mais bem dotados fisicamente.

Interessante observar que, embora não haja menção à participação dos brasileiros nas Paralimpíadas de 1972, as notícias destacam a deficiência física, única categoria então abarcada pela competição. Além disso, ponderamos que o considerável silêncio da mídia entre os anos 1960 e 1970 reflete um não reconhecimento do atleta paraolímpico no meio desportivo e social - aspecto que sofre algumas mudanças a partir da década seguinte, conforme detalharemos na seção 5.2.

Ainda quanto à perspectiva biologizante do atleta paraolímpico, refletida no *frame* Modelo_médico, nos anos 1980, seguem frequentes os usos dos termos *deficiência* e *deficiente*, conforme ilustram a manchete a seguir, proveniente do Jornal dos Sports (1988), e as sentenças do *corpus* compilado neste estudo, exibidas em seguida:

Figura 7 - Manchete do Jornal dos Sports (1988).



Fonte: Deficientes... (1988).

10. [JB_1988] Luis passou a se dedicar ao esporte para **deficientes** há 11 anos, desde que sofreu um acidente e fraturou a coluna, durante uma competição de judô.
11. [JS_1988] - O maior número de medalhas deverá vir do atletismo -, acredita Celso Lima, ao argumentar que pelo menos a metade das dezenas de medalhas brasileiras já conseguidas por **deficientes físicos** provêm de disputas nessa modalidade.
12. [JS_1988] Tentando melhorar esse quadro, Celso Lima está criando um projeto para o Município do Rio - com apoio do JORNAL DOS SPORTS - que visa, a princípio, desenvolver atividades esportivas e participativas para o **deficiente físico** integrar-se à sociedade nos mais diversos tipos de esporte.
13. [JS_1988] A Para-olimpíada (Jogos Olímpicos para **pessoas deficientes**) também acontece de quatro em quatro anos no mesmo país sede da Olimpíada.
14. [JB_1989] Outros **deficientes** completaram a prova.

Nessa década, ampliaram-se as categorias de deficiência abrangidas pelas modalidades das Paralimpíadas, de modo que são mencionados atletas com deficiência visual e paralisia cerebral. Desse modo, em termos de evocação de *frame*, encontramos uma diversidade maior de evocadores, embora a perspectiva ainda seja a mesma: a do Modelo_médico, que realça as características corpóreas do atleta com deficiência, conforme exemplos a seguir:

15. [JB_1989] O primeiro **cego** a completar a corrida foi Cleomir Martins, que correu com um guia.
16. [JB_1989] Cláudio Nunes, que sofre de **paralisia cerebral** e ganhou medalha de ouro em sua categoria nas Para-Olimpíadas de Seul, na Coreia do Sul, foi o vencedor em sua categoria especial.
17. [CB_1988] Seul organiza olimpíadas dos **paraplégicos**
18. [CB_1988] A alimentação passou a ser um problema a menos, para os 57 **paraplégicos** brasileiros, que embarcaram neste fim de semana, para Seul, onde disputar-ao a 8ª Paraolimpíadas a partir do próximo dia 15.
19. [CB_1988] A delegação brasileira, composta de **paraplégicos, deficientes visuais e portadores de paralisia cerebral**, participará das provas de atletismo, judô, natação, basquete e tênis de mesa.
20. [JS_1988] Os **atletas** praticam os esportes de acordo com a **deficiência** que portam e dentro das modalidades são divididos por categorias conforme o tipo de **lesão**.
21. [JS_1988] Os 57 **atletas** brasileiros, entre **cegos, paraplégicos e paralisados cerebrais**, competirão em cinco das 19 modalidades disputadas por atletas de 65 países.

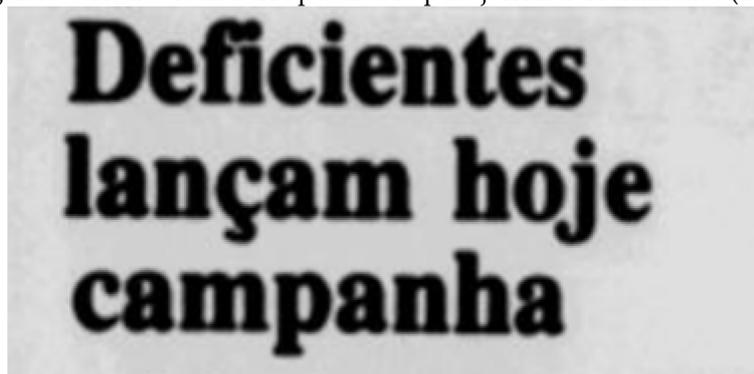
Nos anos 1990, notou-se uma cobertura muito maior, por parte da mídia, dos atletas com deficiência. A partir dos dados encontrados no *corpus* para essa década, fica evidente que isso se deu, em primeiro lugar, à realização das Paraolimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996. Os anos 1990 marcaram, assim, uma década de mais atenção destinada aos assuntos e notícias referentes aos atletas com deficiência, ainda que a linguagem empregada por jornais de grande circulação do país ainda insistissem em termos como *deficientes, deficientes físicos e amputados*, os quais

continuam a marcar a deficiência como uma questão biológica, evocando o Modelo_médico.

22. [OF_1995] O presidente do Comitê Para-Olímpico Brasileiro, João Batista, explica que um dos objetivos da entidade é tornar de conhecimento dos **deficientes** a possibilidade da prática do esporte.
23. [OF_1995] “O fechamento do Caio Martins é uma perda para toda a sociedade e sobretudo para os **deficientes** [...]”.
24. [OF_1995] “[...] Seria ideal para as comunidades carentes e para os **deficientes**, que não têm como se locomover até locais distantes”, ponderou.
25. [OF_1995] Seleção Brasileira de futebol de **amputados** participa de torneio.
26. [OF_1995] Em sua primeira atuação no Exterior, este ano, a seleção brasileira de futebol de **amputados** participa de 5 a 10 de maio, do Torneio Comemorativo do Dia da Vitória da 2ª Guerra Mundial em Moscou, Rússia.
27. [OF_1995] O evento é organizado pela associação russa de **deficientes físicos** com supervisão do Comitê Paraolímpico Internacional (International Paralympic Committee - IPC).
28. [OF_1995] A seleção brasileira é formada por amputados filiados a várias associações de **deficientes físicos** de cidades como Cabo Frio, Niterói, Angra dos Reis, Friburgo, Paracambi e Rio de Janeiro (RJ), Contagem (MG), Vitória (ES), Campo Grande (MS), Maringá (PR) e Brasília (DF).

Outro exemplo claro disso pode ser visto na Figura 8, que retrata a chamada para uma pequena matéria publicada em 1993 pelo jornal O Fluminense.

Figura 8 - Título de matéria publicado pelo jornal O Fluminense (1993).



Fonte: Deficientes... (1993).

Vale, ainda, fazer mais um comentário sobre o evocador *amputado*: este identifica um caso claro de conceptualização do atleta com deficiência a partir, unicamente, de sua característica física. É um termo que retrata a pessoa com deficiência sem mencionar explicitamente que se trata de uma pessoa, de um atleta.

29. [OF_1995] A deficiência não poderia ser motivo suficiente para que, no país do futebol, o **amputado** não pudesse bater sua bolinha.
30. [OF_1995] E foi essa tradição, aliada à necessidade de oferecer ao **amputado** a oportunidade de praticar um esporte de baixo custo que fez surgir o futebol de **amputados** no Brasil, em 1987.
31. [OF_1995] Ele lembra que, antes do futebol, os **amputados** eram obrigados a praticar esportes utilizando uma cadeira de rodas.
32. [OF_1995] – O **amputado** não estava acostumado a usar uma cadeira de rodas e nem todos podiam arcar com a compra de uma cadeira.

Há um contraste interessante entre esse uso, que relega ao atleta com deficiência uma denominação motivada exclusivamente pelo tipo de deficiência, com usos em que os atletas são denominados como sendo, de fato, o que são: *atletas*.

33. [OF_1995] No entanto, os **atletas** precisam enfrentar dificuldades.
34. [OF_1995] A delegação que embarca no dia 2 será formada por 15 **atletas** e 5 membros da equipe técnica (chefe da delegação, presidente da Associação Brasileira de Desporto para Amputados, técnico principal, técnico e médio).

Contudo, percebe-se, também, nos dados a seguir, uma insistência em termos como *portadores de deficiência física*, o qual, como vimos na seção 5.2, é desencorajado pela comunidade de ativistas. Cabe salientar, também, que, por diversas vezes, esses termos vêm acompanhados da palavra *atleta*, casos sobre os quais discutiremos na próxima seção.

35. [OF_1995] Hoje, existem 10 times ligados a associações de **portadores de deficiência física** em todo o Brasil.
36. [OF_1995] A equipe brasileira de **atletas portadores de deficiência**

física está “arrebentando” nos Jogos Mundiais de Stoke Manderville, que estão sendo realizados na Inglaterra.

37. [OF_1995] A deputada Tânia Rodrigues disse esperar que o evento sirva para melhorar as condições de atendimentos aos **portadores de deficiências**, com providências que atendam às suas particularidades.

Chegando nos anos 2000, é possível perceber que, décadas após o início dos jogos paraolímpicos, permaneceu, ainda, uma incidência considerável do Modelo_médico, como podemos perceber nas sentenças que seguem, em que foram marcadas expressões como *portadores de deficiência física e deficiente físico*. Mais uma vez, nessa década, percebemos casos em que esses evocadores aparecem junto a itens como *atleta*, que marcam conceptualizações ligadas a *frames* diferentes.

38. [CB_2002] Cláudia começou a trabalhar no projeto, oficialmente, em junho do ano passado e até agora conseguiu reunir 15 **portadores de deficiência** para praticar o esporte na cidade.
39. [CB_2002] “Quero ter em Brasília um lugar permanente para os **portadores de deficiência** praticarem uma atividade física e criar uma equipe de ponta até para fazer parte do time paraolímpico brasileiro”.
40. [OF_2000] A reintegração à sociedade é a grande vitória do **deficiente físico**”, observou.
41. [OF_2000] Graças a um convênio com o Comitê Paraolímpico Brasileiro, o Vasco da Gama banca uma equipe de natação de **atletas portadores de deficiências físicas** que disputarão a Olimpíada Paraolímpica que se realiza logo depois da olimpíada de verão.
42. [OF_ 2005] As atividades físicas para **portadores de deficiências físicas** como o niteroiense Gilberto de França, de 20 anos, e um sinal de que o País está dando valor a esses atletas.
43. [OF_ 2005] Nadador dos estilos 100m peito, 100m borboleta, 100m e 50m livres, Gilberto é um dos **atletas** brasileiros **portadores de deficiência** que dá show dentro d’água.
44. [OF_2007] O deputado estadual e membro da Comissão Rodrigo Neves (PT), e a deputada estadual Sheila Gama (PDT), presidente da comissão, estiveram presentes para homenagear os **atletas** e reforçar o compromisso com os **portadores de deficiência**.

Em alguns casos, também, há destaque para o tipo de deficiência, como podemos ver nos exemplos abaixo. Vale ressaltar que, tanto no primeiro quanto no segundo exemplo, a deficiência é mencionada como uma informação a mais, ou seja, não estritamente necessária para a sentença. Ainda assim, foi feita a escolha de destacá-la.

45. [CB_2002] O recorde renova a confiança do **atleta - amputado** da mão direita, 10cm acima do pulso - para a temporada de 2002.
46. [OF_2004] É a terceira medalha de ouro do brasileiro, que é **deficiente visual**, em Paraolimpíadas.

Os resultados discutidos nesta seção evidenciam a preponderância, ainda presente na contemporaneidade, de conceptualizações claramente capacitistas do atleta paraolímpico. Nesse sentido, entende-se por capacitismo “[...] a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes” (Vendramin, 2019, p. 17). Tal aspecto parece ser ainda mais reforçado no uso de evocadores como *defeito*, que foram mais frequentes nas sentenças-exemplo dos anos 1960 - embora, nas décadas seguintes, a conceptualização do atleta com deficiência como aquele marcado primordialmente por sua condição física, em detrimento de sua performance como desportista de alto rendimento, faça-se ainda bastante presente.

Na seção a seguir, destacamos as conceptualizações que favorecem, em alguma medida, a emergência de aspectos como performance e agentividade do atleta com deficiência.

5.2 *Frames* **Atleta_com_deficiência, Modelo_social e Modelo_baseado_em_direitos: em direção ao reconhecimento esportivo e social do paratleta de alto rendimento**

Os *frames* abordados nesta seção categorizam o atleta com deficiência por meio de características distintas daquelas enfatizadas na seção anterior. Trata-se de

conceptualizações que evidenciam sua capacidade atlética, social e/ou cidadã dentro e fora do contexto desportivo, desconstruindo-se uma imagem vitimista tantas vezes disseminada acerca desses sujeitos. Em nosso *corpus* de sentenças-exemplo, tais nuances só emergem a partir da década de 1980, dado que as notícias veiculadas anteriormente evocam somente o Modelo_médico do atleta paraolímpico.

Ao encontro disso, somente nos anos 1980 surge o termo *atleta* para designar esse grupo - embora frequentemente compondo a combinatória *atleta deficiente* ou *portador de deficiência*, de modo a evocar ainda uma conceptualização que se volta à condição corpórea discursivamente inferiorizada do atleta. Nesse sentido, quanto a essas ocorrências, observamos que a evocação de *atleta* frequentemente é acompanhada de evocadores do Modelo_médico, como *paraplégicos* e *cegos*, conforme abordado na seção anterior.

47. [JB_1988] Começaram ontem, em Seul, as Paraolimpíadas, reunindo 15 mil **atletas deficientes** em 65 países.
48. [JS_1988] Agora é a vez de torcer para que os **atletas portadores de deficiências físicas** consigam obter melhores resultados nos VIII Jogos Para-Olímpicos, que também serão realizados em Seul, entre os dias 15 e 24.
49. [JS_1988] Após a realização dos XIII Jogos Para-Olímpicos, em Seul, de 15 a 24 deste mês, o **atleta deficiente físico** Celso Lima, 37 anos, encerra sua carreira de jogador de basquete pela Seleção Brasileira.
50. [CN_1988] Dos seis **judocas brasileiros deficientes visuais** que disputarão as Olimpíadas Paralelas de Seul - a Para-Olimpíada de **Deficientes** - quatro são do Paraná, todos têm chance de ganhar medalha e pelo menos um deles vem sendo apontado com certo favoritismo.
51. [CB_1989] Azaury considera que competindo entre **nadadores deficientes** o **atleta** poderá alcançar colocações entre os oito primeiros do DF com o tempo que vem conseguindo nas piscinas aquecidas da Faculdade Dom Bosco.

Encontramos, ainda, as primeiras especificações dos atletas paraolímpicos conforme sua modalidade - vide exemplos com *judocas* e *nadadores* -, aspectos que não

havam aparecido nas décadas anteriores. Esse achado vai ao encontro das considerações de Senatore (2006), ao explicar que, nesse período, o movimento paraolímpico internacional passou a defender uma representação maior de cada modalidade, e não mais por deficiência. Os exemplos a seguir ilustram essa tendência:

52. [CN_1988] Dos seis **judocas brasileiros deficientes visuais** que disputarão as Olimpíadas Paralelas de Seul - a Para-Olimpíada de **Deficientes** - quatro são do Paraná, todos têm chance de ganhar medalha e pelo menos um deles vem sendo apontado com certo favoritismo.
53. [CB_1989] Azaury considera que competindo entre **nadadores deficientes** o **atleta** poderá alcançar colocações entre os oito primeiros do DF com o tempo que vem conseguindo nas piscinas aquecidas da Faculdade Dom Bosco.

Seguindo a descrição de *frames* de Oliveira (2019), observamos, somente a partir desse período, a emergência do *frame* *Atleta_com_deficiência*, enfatizando mais a sua condição de atleta de alta performance. É bastante evidente que, com os resultados significativos obtidos nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988), tais evocadores se tornam diversos, passando a denotar a inclusão da categoria em um contexto específico de competição profissional e internacional. A exemplo disso, as sentenças a seguir trazem evocadores como *atletas* (sem a combinatória com o adjetivo *deficientes*), *delegação/equipe brasileira* e *delegação nacional*:

54. [JS_1988] Embora a **equipe brasileira** seja pequena e vá competir em apenas cinco modalidades, ela possui **atletas** de expressão no cenário esportivo mundial.
55. [JS_1988] A **equipe brasileira** é composta por **cegos, paraplégicos e paralisados** cerebrais.
56. [JS_1988] Embora a **equipe brasileira** seja pequena e vá competir em apenas cinco modalidades, ela possui **atletas** de expressão no cenário esportivo mundial.
57. [JS_1988] O grande nome da **delegação nacional** é Luís Cláudio Pereira, que conseguiu dois títulos olímpicos, nos arremessos de disco e de peso.

Interessante notar ainda que, com significativa frequência, os evocadores mais voltados à performance dos atletas paraolímpicos estão atrelados a conquistas de medalhas, ou pelo menos à perspectiva de vitória diante de resultados obtidos anteriormente - conceptualização que se atrela ao *frame* nomeado por Oliveira (2019) como *Resultados_das_atitudes*, ou seja, como fruto do empenho dos atletas por conta de seu compromisso com a alta performance, tendo como evocadores *medalha*, *recordista*, *campeão*, dentre outros. É o que indicam os exemplos a seguir, voltados principalmente à menção à conquista de medalhas nas Paralimpíadas de 1988 - inclusive à recepção dos atletas realizada no seu retorno ao país:

58. [JS_1988] Ele está muito esperançoso com o desempenho que o Brasil possa ter e, por isso, não descarta a possibilidade de os **para-atletas** trazerem mais de 15 **medalhas** de Seul ou um número superior ao das **medalhas** que o Brasil conseguiu na recente Olimpíada.
59. [JS_1988] **Para-Olímpicos** vêm cheios de **medalhas**
60. [JB_1988] Ao som da bateria da Mangueira, a **delegação brasileira que disputou os Jogos Paraolímpicos** de Seul, de 15 a 24 de outubro, desembarcou ontem no Aeroporto Internacional do Rio.
61. [JS_1988] Com 27 **medalhas** (4 de ouro, 9 prata e 14 de bronze) na bagagem, desembarca hoje às 7 horas no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro a **equipe Brasileira de paratletas**.
62. [JS_1988] Torcida recebe com samba os **para-olímpicos de ouro**.

A partir dessa década, também encontramos a evocação do *frame* *Modelo_social*, que “caracteriza a pessoa com deficiência pela capacidade de superação frente a obstáculos e dificuldades numa sociedade discriminatória” (Oliveira, 2019, p. 242). Exemplos de evocadores são aqueles em torno dos termos *superar* e *superação*, conforme excerto a seguir:

63. [CB_1989] "O **atleta** é mais que tudo uma pessoa que faz o possível para **superar** suas limitações. Como **Para-atleta** essa **superação** tem que ser dupla", admite Rivaldo.

Tal conceptualização vai ao encontro dos desdobramentos sociopolíticos que marcaram a década, tais como o fortalecimento dos movimentos sociais por meio da promulgação da Constituição de 1988, bem como a defesa dos esportes como forma de expressão de cidadania das pessoas com deficiência.

Nos anos 1990, em 1996, como mencionado anteriormente, ocorreram os jogos paraolímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, que contaram com a participação de 58 atletas brasileiros, participantes das nove modalidades esportivas que compuseram o evento. Durante a cobertura dos jogos, houve, também, a utilização de termos que evocam o Modelo_social, representado pelas sentenças que seguem.

64. [MA_1996] É quando começam os X Jogos Paraolímpicos, onde homens e mulheres **deficientes físicos**, graças à sua **coragem** e à sua **perseverança**, fazem do esporte um bom motivo para **lutar** e para **viver**.
65. [MA_1996] Esses campeões são a **flor** de um universo de 15 milhões de brasileiros - ou um décimo de nossa população - **portadores de deficiências físicas**.

Na primeira sentença acima, por exemplo, o termo *deficientes físicos* está relacionado a outras palavras – *coragem*, *perseverança*, *lutar* e *viver* –, as quais servem para levar ao leitor a ideia do atleta paraolímpico como o que vence apesar das diversidades. A segunda sentença, por sua vez, caracteriza o atleta como sendo a *flor* de sua comunidade. No entanto, percebe-se que, ainda, os termos evocadores desse modelo aparecem junto a expressões como *deficientes físicos* e *portadores de deficiências físicas*, mostrando que o Modelo_médico persiste.

Isso se mostra verdade, também, com relação a *atleta*, que, por diversas vezes, aparece na companhia das expressões já mencionadas. São poucos os casos encontrados em que o termo aparece por si só.

66. [OF_1996] Ele fará um show beneficente em prol dos **atletas portadores de deficiência** que irão participar da Paraolimpíada de

- Atlanta a ser realizada no período de 15 à 25 de agosto.
67. [OF_1996] Durante dez dias, cerca de 3.500 **atletas portadores de deficiência** vindos de 127 países disputaram medalhas em 19 modalidades esportivas.
68. [JB_1996] A recepção dos **paralímpicos** pelo presidente da República foi mais uma homenagem prestada aos **atletas deficientes**.
69. [OF_1995] **Atletas** brasileiros irão à Paraolimpíada.

Mais exemplos disso podem ser encontrados nas sentenças abaixo.

70. [OF_1995] Ela considera fundamental é a conscientização da sociedade para os problemas enfrentados pelos **portadores de deficiência**, que hoje representam parcela significativa da população mas nem por isso têm seus **direitos** respeitados.
71. [FSP_1992] Até aqui, as marcas conseguidas pelos **grandes campeões deficientes** são inferiores às das vedetas do atletismo internacional, mas à medida que as distâncias aumentam, cava-se um fosso impressionante a favor dos **atletas paraolímpicos**.

Ao mencionar os *direitos* das pessoas com deficiência, primeira sentença-exemplo n. 70 evoca o Modelo_social. Contudo, mais uma vez, esse modelo aparece junto ao Modelo_médico. O mesmo ocorre na segunda sentença, ao juntar *grandes campeões* com *deficientes*. É interessante notar, ainda, que esta termina com a expressões *atletas paraolímpicos*, dessa vez sem mencionar a deficiência.

Os dados da década de 2000, no que se refere aos modelos relacionados aos direitos e realizações dos atletas com deficiência, levaram-nos a perceber uma incidência maior (em 24 dos 36 exemplos concernentes ao período) de ocorrências em que o foco era o atleta em si, o seu talento, a sua capacidade.

72. [CB_2002] Participaram ainda da reunião os ex-atletas Joaquim Cruz, Zequinha Barbosa e Robson Caetano, os velejadores Torben Grael e Robert Scheidt e o **atleta paraolímpico** Antônio Tenório.
73. [OF_2000] O Brasil emplacou mais um **atleta** na Paraolimpíada de Sydney, que será disputada de 18 a 29 de outubro.
74. [OF_2007] Um grupo de **atletas** medalhistas dos últimos Jogos

Parapan-Americanos, em Mar Del Plata, na Argentina, e que vai disputar lugar para as próximas Paraolimpíadas, em Pequim, em 2008, visitou ontem o primeiro dia do ônibus da Comissão de Defesa da Pessoa Portadora de Deficiência (PPD) da Alerj, na Praça Araribóia, em Niterói.

75. [OF_2008] Em Atenas, a delegação representou o País com 98 **atletas** em 13 modalidades.

Vale chamar a atenção para o fato de que, no exemplo n. 74, a expressão *pessoa portadora de deficiência* não está marcada porque faz parte do nome de uma organização, ou seja, o veículo de mídia em que o texto foi publicado não foi responsável pela escolha do uso da expressão. Ainda assim, nesse caso, o texto optou por mencionar os envolvidos como *atletas medalhistas*, marcando seus feitos e vitórias.

Foi nestes dados, ainda, que percebemos casos em que os atletas eram mencionados a partir dos nomes que identificam aqueles que praticam esportes específicos – aspecto que emergiu também nos dados dos anos 1980, porém somente em duas ocorrências, conforme abordamos anteriormente.

76. [OF_2000] O **nadador** Luíz Silva lembrou que antes do Alpha Club o único patrocínio obtido era destinado à natação, e por um clube.
77. [OF_2000] Outra **atleta** da Andef que promete garantir uma vaga para Sydney é a **nadadora** Marcicleide Ribeiro Lopes, de 28 anos.
78. [OF_2000] “Temos aqui **nadadores** de 15 e 45 anos”, explica.
79. [OF_2004] O **judoca** Antônio Tenório venceu o chinês Run Ling Men na decisão da categoria meio-pesado (até 100 kg).

Algo que chama a atenção nos exemplos acima é que, ainda que se esteja tratando de atletas com deficiência, nessas ocorrências, estes foram mencionados a partir de uma escolha linguística que não os separa, não os segrega em relação a esportistas que não são pessoas com deficiência. Isso demonstra, portanto, uma pequena, porém valiosa, mudança em direção a uma linguagem menos violenta e mais alinhada com os desejos e orientações da comunidade, ainda que, como vimos, ideias ligadas ao Modelo_médico ainda persistam.

6 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo verificar a presença de *frames* semânticos que caracterizam o atleta paraolímpico em uma perspectiva diacrônica, partindo de um *corpus* de notícias que abrangem as décadas de 1960 a 2000, no contexto brasileiro. Para tal, compilou-se um *corpus* de amostragem formado por sentenças-exemplo que evocam *frames* relacionados ao atleta paraolímpico nesses diferentes períodos.

Tomando como base os resultados obtidos por Oliveira (2019), em especial a intrincada e complexa rede de *frames* semânticos proposta para descrever as conceptualizações em torno do atleta com deficiência, procuramos averiguar, por meio das unidades lexicais evocadoras dos *frames* e um conjunto de sentenças-exemplo, como tais visões se manifestaram ao longo do tempo. Como resultados, constata-se, primeiramente, uma visão capacitista⁶, ou seja, reducionista e preconceituosa desses sujeitos ao longo da história, reduzindo-se seus atributos à tipologia de sua deficiência; e, em um segundo momento, uma emergência, frequentemente condicionada à obtenção de bons resultados em competições, de conceptualizações mais voltadas ao desempenho desportivo e ao papel social do atleta paraolímpico, principalmente a partir dos anos 1980.

Registre-se aqui que um de nossos principais desafios, nesse percurso analítico, residiu na construção de um *corpus* diacrônico, tanto pela escassez de materiais acerca da temática, como pelo formato não editável dos textos, o que impediu de usarmos de forma plena os recursos de pesquisa das ferramentas de *corpus* eletrônico.

Na esteira de Oliveira (2019), reiteramos a importância de compreender o contexto do atleta paraolímpico para o desenvolvido do Dicionário Paraolímpico. Como já apontamos anteriormente, no caso do DP, o trabalho requer lidar com temas que extrapolam a questão esportiva. Políticas linguísticas e de direitos da comunidade das pessoas com deficiência entram nesse rol.

⁶ Vide discussão realizada na seção 5.1 acerca desse termo.

Por fim, mas não menos importante, está a confirmação da pertinência da noção de *frame* para a descrição das nuances conceptuais da realidade do atleta paraolímpico no Brasil.

Referências

BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005>

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 7, n.2, p. 115-123, jul-dez, 2001.

CHISHMAN, R. **Field**: Dicionário de Expressões do Futebol. 1. ed. São Leopoldo: Plural Web, 2014.

CHISHMAN, R. **Dicionário Olímpico**. Porto Alegre: Plural Web, 2016.

COLERIDGE, P. **Disability, Liberation and Development**. Publicado pela Oxfam. Oxford. Capítulo 1: "Por que este manual é necessário?", 2011. Disponível em: <http://www.making-prsp-inclusive.org/pt/6-deficiencia/61-o-que-e-deficiencia/611-os-quatro-modelos.html>. Acesso em: 02 mar. 2023.

COULSON, S. Is Incest Best? The Role of Pragmatic Scales and Cultural Models in Abortion Rhetoric. **Center for Research in Language Newsletter**, San Diego, v. 7, n. 2, 1992. Disponível em: <http://crl.ucsd.edu/newsletter/7-2/Article1.html>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, vol. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C. R.; PETRUCK, M. R. L. Background to FrameNet. **International Journal of Lexicography**, Oxford, v.16, n.3, p. 235-250, 2003. DOI <https://doi.org/10.1093/ijl/16.3.235>

FROMM, G.; YAMAMOTO, M. I. Compilação, reciclagem e padronização de um Corpus Colaborativo de Linguística: percursos metodológicos. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 2041-2078, 2021. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.29.3.2041-2078>

GEERAERTS, D. **Diachronic Prototype Semantics: A Contribution to Historical Lexicology**. Oxford: Clarendon Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780198236528.001.0001>

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper & Row, 1974.

HARRIS, A.; ENFIELD, S. **Disability, Equality, and Human Rights**. A Training Manual for Development and Humanitarian. Oxfam. UK, 2003. DOI <https://doi.org/10.3362/9780855987046>

HARTMANN, S. Diachronic Cognitive Linguistics: Past, present, and future. **Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association**, v. 9, n. 1, p. 1-34, 2021. DOI <https://doi.org/10.1515/gcla-2021-0001>

LANNA JR., M. C. M. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos; Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. A Usage-Based Model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (ed.). **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 127–161. (Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science 50).

LANGACKER, R. W. A Dynamic Usage-Based Model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.) **Usage-Based Models of Language**. 1–63. Stanford: CSLI Publications, 2000.

LOPES, L. F. Artigo 1: Propósito. In: BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Novos Comentários à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Brasília, DF; Secretaria de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2014.

MINSKY, M. A framework for representing knowledge. In: WINSTON, P. H. (ed.). **The Psychology of Computer Vision**. New York: McGraw-Hill, 1975. p. 211-277.

OLIVEIRA, S. **O atleta com deficiência no contexto paraolímpico: uma análise dos frames que entram no jogo.** 2019. 246 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2019.

PETRUCK, M. R. L. **Frame Semantics.** Berkeley: University of California, 1996. DOI <https://doi.org/10.1075/hop.2.fra1>

SENATORE, V. Paraolímpicos do futuro. *In:* CONDE, A. J. M.; SOUZA SOBRINHO, P.A.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de Educação Física.** Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. Disponível em: <http://www.informacao.srv.br/cpb/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620904>

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389>. Acesso em: 20 jul. 2023.

WINTERS, M. E. Introduction: On the Emergence of Diachronic Cognitive Linguistics. *In:* WINTERS, M. I.; TISSARI, H.; ALLAN, K. (ed.). **Historical Cognitive Linguistics.** Berlin; New York: De Gruyter, 2010. p. 3–27. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110226447.3>